

Índícios autobiográficos e texto poético em *Lar*, de Armando Freitas Filho

Mislene de Oliveira¹

Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar a autobiografia em poemas selecionados do livro *Lar*, (2009), de Armando Freitas Filhos, a fim de compreender os procedimentos que imbricam indícios autobiográficos e texto poético. As referências autobiográficas, no citado livro, não se dão por meio da representação, ou da transcrição, mas por meio de uma recriação desse “lar”, já que toda verdade tem seu projeto impossibilitado pela própria natureza da linguagem. Nesse sentido, deseja-se responder às seguintes perguntas: como o poeta constrói referências autobiográficas em *Lar*,? Como o texto poético, na sua condição de gênero textual predominantemente conotativo, responde a isso? Para refletir sobre essas questões, utilizamo-nos, dentre outros, dos estudos de Jacques Derrida, em *Salvo o nome* (1995); Elizabeth Muylaert Duque-Estrada, em *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si* (2009); e Leonor Arfuch, em *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (2010). Assim, observou-se que no livro *Lar*, se torna impossível separar dentro do texto o que é ficcional do que é factual; os indícios autobiográficos que levariam o leitor à vida de Armando Freitas Filho são, sobretudo, para problematizar a condição de destituição e, ao mesmo tempo, de instituição do autobiográfico na poesia, ou seja, para problematizar os limites não especificados entre o texto e a vida.

Palavras-chave: literatura brasileira; autobiografia; poesia.

¹Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Professora da rede estadual de ensino de Mato Grosso.

Autobiographical clues and poetic text on *Home*, of Armando Freitas Filho

Abstract

This article aims to analyse the autobiography in selected poems of the book Lar, (2009), Armando Freitas Children, in order to understand the procedures that cross autobiographical and poetic text clues. The autobiographical references, in that book, don't get through, or representation of the transcript, but through a recreation of this "home" since all truth has your project unable by the very nature of language. In this sense, you want to answer the following questions: how the poet builds autobiographical references of Lar,? As the poetic text on your text condition predominantly connote, responds to this? To reflect on these issues, so us, among others, the studies of Jacques Derrida, in Salvo o nome (1995); Elizabeth Muylaert Duque-Estrada, in Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si (2009); and Leonor Arfuch, in O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea (2010). Thus, it was observed that in the book Lar, becomes impossible to separate within the text What is fictional than is factual; the autobiographical clues that would lead the reader to life by Armando Freitas Filho are, above all, to discuss the condition of dismissal and, at the same time, of institution of autobiographical poetry, i.e. to discuss the limits not specified between the text and the life.

Keywords: brazilian literature; autobiography; poetry.

1 Introdução

Desde o século XIX, quando a linguagem tomou novos rumos epistemológicos, uma tradição de desdobramentos críticos e teóricos tem se formado em torno da autobiografia, no que se refere à intenção de representação pelas palavras. A problemática da autobiografia está em como ela se estabelece, desenvolve-se, configura-se. Para o filósofo Michel Foucault, em *As palavras e as coisas* (2002), a qualidade de representação dada à palavra, no período do Renascimento, em que novas ordens sociais exigiram uma autorrepresentatividade, transformou-se, no século XIX, em um desdobramento da linguagem sobre ela mesma, momento em que “adquire sua espessura própria, desenvolve uma história, leis e uma objetividade que só a ela pertencem” (FOUCAULT, 2002, p. 409). A autobiografia percorreu o mesmo caminho, ao se estabelecer, sobretudo, pela palavra.

Ao se referir a *Dom Quixote*, de Cervantes, primeira das obras modernas, Foucault diz sobre a separação do signo e do significante:

Dom Quixote desenha o negativo do mundo do Renascimento; a escrita cessou de ser a prosa do mundo; as semelhanças e os signos romperam sua antiga aliança; as similitudes decepcionam, conduzem à visão e ao delírio; as coisas permanecem obstinadamente na sua identidade irônica: não são mais do que o que são; as palavras erram ao acaso, sem conteúdo, sem semelhança para preenchê-las; não marcam mais as coisas; dormem entre as folhas dos livros, no meio da poeira. A magia, que permitia a decifração do mundo descobrindo as semelhanças secretas sob os signos, não serve mais senão para explicar de modo delirante por que as analogias são sempre frustradas (FOUCAULT, 2002, p. 64).

Ao ocupar o lugar do delírio, as similitudes conduziram as analogias para uma tentativa alucinada de representar. Ou seja, pensando nos termos da autobiografia, a singela proposta de narrar e de descrever acontecimentos pessoais se frustra diante da natureza própria da palavra.

Consonante a essa ideia, como pensar o nome próprio, o nome autobiográfico, se, supostamente, este se debruça inteiramente na relação de analogia? Para lidar com essa questão, considera-se a proposta desenvolvida pelo filósofo francês Jacques Derrida, no seu livro *Salvo o nome* (1995), em que o nome é posicionado em um campo de referência que parte ao desmoronamento. No livro, que tem a forma de um diálogo fictício, Derrida constrói sua participação como um *post-scriptum*, em complemento a um colóquio realizado no *Calgary Institute for the Humanities* (Canadá). Derrida foi convidado para concluir a série de conferências intituladas “Post-scriptum – aporias, vias e vozes”. Esse colóquio tinha por diretriz a apófase, ou teologia negativa, que consiste em submeter Deus a uma série de predicados de negação, ou seja, em priorizar unicamente aquilo que ele não é, até que a linguagem deixe de funcionar como elemento categórico.

Nesse diálogo inventado, Derrida e um outro – qual dessas duas vozes, afinal, carrega o nome de Jacques Derrida? – falam sobre a resistência da teologia negativa sob as modalidades discursivas contemporâneas. Para se chegar aí, “eles” debatem a estrutura da apófase e chegam à questão do nome:

- Salvo seu nome...
- Salvo o nome que não nomeia nada que afirme, nem mesmo uma divindade (G \ddot{O} ttheit), nada cujo ocultamento desloque qualquer frase que tente comparar-se a ele. “Deus” “é” o nome desse desmoronamento sem fundo, dessa desertificação sem fim da linguagem. Mas o traço dessa operação negativa se inscreve

no e sobre e como o acontecimento [...] (DERRIDA, 1995, p. 37).

Ora, o que resta de uma série de “nãos” é somente o nome sobre o qual as negativas se referem. As negações excluem, sem antes acrescentar, toda atribuição ao nome, deixando-o sempre vazio; e, por sempre estar aberto a predicados que nunca dão conta desse preenchimento, um vazio infinito. Mas o que se capta dessa “operação negativa” está naquilo que Derrida enfatiza como o acontecimento:

– O acontecimento permanece simultaneamente *na* e *sobre* a linguagem, portanto, dentro e na superfície aberta, exposta, imediatamente transbordada, fora de si mesma. O acontecimento permanece na e sobre a boca, sobre a ponta da língua, como se diz em francês, ou sobre a ponta dos lábios ultrapassados por palavras que se dirigem para Deus. Elas são levadas, simultaneamente exportadas e deportadas, por um movimento de *ferência* (transferência, referência, *différance*.) para Deus. [...] Como se fosse preciso ao mesmo tempo salvar o nome e tudo salvar, exceto o nome, salvo o nome, como se fosse preciso perder o nome para salvar aquilo que porta o nome, ou aquilo na direção do qual se dirige por meio do nome. Mas perder o nome não é incriminá-lo, destruí-lo ou feri-lo. Pelo contrário, é simplesmente respeitá-lo: como nome [...]. (DERRIDA, 1995, p. 40-41).

Em *Lar*, (na capa do livro a vírgula acompanha a palavra), o nome de Armando Freitas Filho é relacionado aos predicados que a ele possivelmente se aludem. Mas, defende-se, com este estudo, que esses “predicados”, ou seja, dados supostamente autobiográficos, dizem menos sobre a vida de Armando Freitas Filho do que sobre a questão da linguagem poética em trâmite com a autobiografia, dos recursos poéticos que problematizam a representação. Além disso, por outro lado, não tem como se excluir o nome, a não ser respeitá-lo. Ao seguir aquilo que exclui o nome de Armando Freitas Filho, percebe-se que a exclusão

admite esse mesmo nome: admite-o, negando-o. Sobre a temática, Elizabeth Muylaert Duque-Estrada, no capítulo intitulado de “Im/Possibilidade da Autobiografia”, do livro *Devires autobiográficos* – a atualidade da escrita de si, diz que:

Talvez a maneira mais apropriada de abordar o tema da autobiografia seja afirmando positivamente aquilo que ela não é e não pode ser, afirmando a sua impossibilidade de cumprir a sua mais profunda promessa: apresentar a verdade de uma vida reunida numa trama narrativa. Uma impossibilidade ainda mais incontrolável, quando se tem em vista o desejo de contar a verdade em um nível anterior aos simples critérios de veracidade da narrativa: aquele nível em que o próprio ideal de verdade já não basta para dar conta das razões mais profundas do dizer (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 17).

Assim, este artigo pretende contribuir com os estudos recentes da autobiografia, da publicidade da intimidade que tem se alastrado nos dias atuais. Nas diversas formas e plataformas de divulgação, tem-se encontrado o “eu” em face à multidão; o que pertence ao “eu” ou à multidão, ou ainda se pode questionar: existe um limite entre eles? Nas análises feitas a seguir, destacaremos a relação do nome próprio, pessoal, com campo aberto e público da poesia, dos poemas impressos, divulgados e comercializados no livro *Lar*,. As análises também terão como base o pensamento de Leonor Arfuch, para quem a concepção de sujeito e identidade se dá por meio “[...] de um sujeito não essencial, constitutivamente incompleto, e, portanto, aberto a identificações múltiplas, em tensão com o outro, o diferente, através de posicionamento contingentes que é chamado a ter” (ARFUCH, 2010, p. 80). Segundo a autora, o contexto social interfere na relação da obra com o público, estando a autobiografia sujeita a modificações.

2 Autobiografia no texto poético: o nome próprio

O poema a ser analisado alude a um sinônimo de lar. Nada mais particular do que a própria casa, o próprio lar. O poema sugere uma cena do interior da casa, uma revelação de uma possível intimidade em família. Porém, assim como o poema anterior, a suposta narração autobiográfica se desfaz em atributos que não pertencem à esfera do autobiográfico, não dão conta de sustentar o nome de Armando Freitas Filho, como percebe-se a seguir:

Em casa
A mesa da madrugada está posta.
Quase: ainda no esboço. Faltam dois copos
uma xícara, todas as facas e colheres.
Quem a pôs assim parou: sono, falência
desânimo. Talvez durma também inter-
rompida no linho do sonho, lá em cima.
O escuro comeu uma perna, um braço e
meio, deixou intacto o tronco, um pouco
do rosto. Na toalha da copa, no lençol
do quarto, a noite parou para o dia vir
tentando completar o trabalho e o corpo:
todo dia seguinte é a morte e a manhã.
(FREITAS FILHO, 2009, p. 67).

Nesse poema, é possível visualizar uma cena incompleta, como um quadro que estava sendo pintado e foi “inter-rompido” (como a própria palavra também foi interrompida), ou um quadro que, na condição de esboço, foi propositalmente cessado pelo “sono, falência / desânimo” de quem o pintava. O cenário remonta a um singelo detalhe do cotidiano; “a mesa posta” e, como o título aponta, a mesa posta está localizada “em casa”. Um cenário estático, exatamente como um quadro, o quadro de um lar, de uma casa, convergindo a leitura para a possibilidade da

intimidade, mas uma intimidade comum, um relato aparentemente banal.

A possibilidade da intimidade expandiu-se para além dos limites da representação, pois, se a noite tirou do cenário a mesa totalmente posta, uma perna, um braço e um pouco do rosto, o dia vem para dar luminosidade a essa cena de forma completa, o dia vem “completar o trabalho e o corpo”. O poeta, entretanto, transforma a inicial cena estática em um movimento infinito de “morte” e “manhã”; como se a palavra fosse incapaz de registrar estaticamente a realidade, ela resvala, esbarra, escorre para além da representação. A suposta intimidade do lar, portanto, não está separada de seu contrário, a saber, a divulgação, ou a publicação. Metaforicamente, há a cena familiar dentro da casa, na intimidade da mesa quase posta, do corpo adormecido e meio encoberto pela escuridão, mas também há o registro do que acontece fora, quando o dia e a noite condicionam a essência da cena familiar. Ou seja, o que resta da autobiografia é a negação da intimidade pela escassez de fatos que sustentam o nome de Armando Freitas Filho, assim como no poema a seguir, que traz outro emblema da autobiografia: a confissão.

Confesso.
Diante da cara mascarada
por treliça e sombra.
De carne, pecador. Passivo, ativo
meia, bronha, pegação:
pêra, uva, maçã no rosto, na boca.
Passo ambíguo no corredor.
Murmurado, entre paredes
minto com o corpo genuflexo
mas provocador, com o joelho ossudo
já castigado na madeira dura.
No canto, no cerco do nicho, cara
a cara, com a pergunta embalsamada
no hálito de incenso e alho
na escuta de mão dupla e respirações

contiguas, pronto para a penitência
para o amor do corpo musculoso
do Cristo, na missa, em cima do altar
para a missão de amar os pais
para rezar até derreter, arranhado
pela pureza áspera do padre
diante da aridez de Deus.
(FREITAS FILHO, 2009, p. 21-22).

A iniciativa de Rousseau, em *As confissões* (2011), é contemplada nesse poema. Nas confissões, Rousseau afirmou:

Dei o meu primeiro passo e mais penoso no labirinto obscuro e cheio de lodo de minhas confissões. Não é parte criminosa a que mais custa ser dita, e sim a que é a ridícula e vergonhosa. Desde agora estou mais seguro de mim; depois que acabo ter a ousadia de dizer, nada mais pode fazer-me parar” (ROSSEAU, 2011, p. 21).

Mas, ao contrário de Rousseau, o ato de confessar no poema de Armando Freitas Filho traz inerente o ato a mentira: “minto com o corpo genuflexo”. Mesmo diante da confissão, da confissão pela palavra dos atos pecaminosos, o sujeito poético não hesita em dizer que mentiu. A confissão, como pretendia Rousseau, tinha a intenção de resgatar o homem inteiro, por completo, para que deixasse de ser cindido e para garantir sua unicidade na confissão e no arrependimento. Freitas Filho, entretanto, provoca o contrário: o menino de “joelho ossudo”, já ciente do pecado da “bronha”, masturbação, passa “ambíguo no corredor”. Ambíguo porque a inteireza do que confessa não se dá ao mentir; com o corpo genuflexo, ajoelhado, “pronto para a penitência”, o menino ratifica-se pecador, e não sai dessa dualidade, não há retificação. As figuras soberanas e divinas são descritas a partir dos olhos pueris de um menino em puberdade, a “pureza áspera do padre” e a “aridez de Deus”. A musicalidade oferecida pela aliteração

do /r/, /p/ e /d/ provoca também a asperidade na leitura, reforçando o contato desagradável do menino com a ordem religiosa.

Assim, observa-se que a confissão propriamente dita não aconteceu. O que importa o segredo nessa cena poética? O que houve foi uma confissão no momento do texto, quer dizer, no momento em que o poeta “confessa” ter mentido, inaugura uma outra cena de confissão, que acontece no momento da escrita. Essa segunda confissão liga a cena ao nome de Armando Freitas Filho, do poeta que admite seu distanciamento do sagrado. O nome próprio é preservado, porém é também negado, na medida em que “confesso” está conjugado na primeira pessoa, enquanto que o restante das formas verbais encontra-se na terceira pessoa, o que provoca um distanciamento da confissão em primeira pessoa.

O poema seguinte traz um correlativo identificável, ao marcar a data do nascimento de Freitas Filho em seu título: 18 de fevereiro. O que o poeta decidiu escrever como referência ao seu nome próprio é marcado, principalmente e com mais força, apenas no título. Esse elemento autobiográfico dá razão para que o trabalho poético seja realizado a partir de um indício da vida inscrito poeticamente no corpo do poema.

18 de fevereiro
Dia do meu adversário.
Invisível, no início, quando
inocente, não se olha para trás
apesar de cada ano crescer
a sombra, à luz de velas
cercada de palmas vivas
que vão mudando de sentido
sub-reptícias, diminuindo o som
uma a uma, perfumando-se, frias
enquanto as chamas relutantes
se firmam e enfrentam o sopro

que perde o fôlego para o fogo.
(FREITAS FILHO, 2009, p. 45).

Como uma espécie de antítese, o sujeito poético contraria a ideia comum de comemoração da data natalícia no primeiro verso do poema: “Dia do meu adversário”. Deixando de ser o momento de festejo, “à luz de velas/ cercada de palmas vivas [...]”, a data de nascimento acentua mais que tudo o fim do corpo que, apesar de crescer, está também marcando seu envelhecimento. As palmas tornam-se perfumadas e frias, talvez como a morte, a morte presenciada em um velório, e o fogo da vela, antes apagado por vívido fôlego, vence o sopro agora de fraco fôlego. Esse envelhecimento que perpassa o poema é acentuado por uma específica data que todo ano ressalta a condição do aniversariante.

O nascimento marca um acontecimento singular que, no poema acima, se refere ao nome de Armando Freitas Filho. Ligando o nome próprio à escrita do poema, logo vê-se o desmoronamento dos atributos ao nome, pois, nesse poema, a origem de sujeito poético torna-se irrecuperável e, ameaçada pela morte, “[...] vão mudando de sentido/ sub-reptícias, diminuindo o som/ uma a uma, perfumando-se, frias [...]”. Esse apontamento para a morte pode ser interpretado como a exclusão de predicados que classificariam um nome próprio, ou seja, a negação de predicados que levariam esse nome à morte, mas o fazendo persistir, caso se insista nisso, como inscrição na lápide.

Repetindo a data de 18 de fevereiro – desde o ano de 1940, data de nascimento de Armando Martins Freitas Filho – o sujeito poético marca seu distanciamento da origem que o leva cada vez mais para longe do que era. O que se torna mais interessante para a questão é o fato de o correlativo para o nome próprio do poeta não ser reforçado por um “eu” no poema. O pronome possessivo do primeiro verso indica uma possível direção a si mesmo, mas o movimento não é para assinalar um

simples lembrar da data de aniversário; ao contrário, trata-se mais do esquecimento, da discussão do apagamento dessa data, a data como repetição, mas repetição sob rasura, desmonoramento. Porém, o fato de estar presente no livro de um poeta que faz aniversário nessa data aponta para uma referência exterior ao texto, o nome do poeta. Assim, a autobiografia nesse poema está registrada entre os limites da vida e do texto; estes, inseparáveis.

Os últimos versos, “[...] enquanto as chamas relutantes/ se firmam e enfrentam o sopro/ que perde o fôlego para o fogo”, marcados pela aliteração do /f/, que parece reproduzir o som do sopro, indicam a continuidade da vida pela metáfora do fogo que, segundo o dicionário online *Priberam*, pode, além de outros, remeter ao sentido de “Ardor, veemência, paixão, entusiasmo”. O fogo vence o sopro, sopro como sinônimo da vida. Assim, perder o “fôlego para o fogo” pode significar não apenas o fim de uma vida, mas a descaracterização da referência autobiográfica. Então, a relação da poesia com a vida, em Freitas Filho, está pautada pela relação do jogo entre os limites; se a vida está posta, está para dar razão ao trabalho poético. Essa artimanha acaba por manter a força de acontecimento do texto. Como afirma Duque-Estrada, diferentes estratégias foram “formuladas para repensar a subjetividade a fim de responder aos desafios éticos e políticos” oriundos nos séculos XIX e XX, tendo que romper com as ideias da tradição. Com os estudos de Nietzsche, Freud e Marx, a autora enfatiza, com referência a Gilles Deleuze, que

A desconstrução inclemente da noção clássica de sujeito tem como horizonte, independentemente de suas variadas formulações, a abertura para uma compreensão de uma subjetividade sempre em devir, de processos de subjetivação que não atendem a nenhuma finalidade preconcebida, pois que elas só se processam no acontecer contínuo e aleatório da própria vida [...] (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 39).

A autobiografia, portanto, tem um caráter contínuo, e não é simplesmente documentada como um arquivo concluído; a linguagem poética não se responsabiliza pela veracidade dos fatos. No mesmo sentido, o poema “Bob” ajuda-nos a compreender os modos como a autobiografia está inscrita em *Lar*,. Ao sugerir um correlativo identificável a Freitas Filho, pela especificidade da cena (“Bob”, “quatorze anos”, por exemplo), o poema empreende o jogo entre o limite do autobiográfico e do poético, o que requer uma leitura em tom de suspeita, quanto à autorreferencialidade, como explicaremos a seguir. Lê-se o poema:

BOB

Primeiro amor fora da família.
Primeira língua que me lambeu
deliciosamente morna de desejo.
Primeiro beijo de língua, primeiro
amigo, guardião das sete chaves
de todos os segredos: dos mais
sujos ou íntimos da alma de carne.
Meu meio-irmão de outra raça
ou meu primeiro filho, inconcebível
morto aos quatorze anos.
(FREITAS FILHO, 2009, p. 42).

Embora a palavra “cachorro” não esteja visível no poema, está nas entrelinhas do texto. Esse animal, que representa o objeto erótico, é também o amigo, é também o meio irmão, é também o filho. Essa amálgama de toda relação posta por um viés do desejo “desqualifica” a concretude do dado autobiográfico, tornando-se elemento passível de análise e interpretação, o que rompe com o factual, com a natureza imutável de um fato dado e acabado. Aquele que agora escreve erotiza as sensações e torna as palavras libidinais, realizando uma releitura da

memória arquivada não mais sob o olhar daquele do passado. Pertinente torna-se, então, a explicação de Derrida sobre o título de seu livro *O animal que logo sou*:

[...] são ao mesmo tempo funcionais e referenciais, gramaticais e semânticos. Dois singulares genéricos, primeiro: “eu” e o “animal” designam no singular, precedido de um artigo definido, uma generalidade indeterminada. O “eu” é qualquer um, “eu” sou qualquer um, e qualquer um deve poder dizer “eu” para se referir a si, a sua própria singularidade. Qualquer um que diga “eu” ou se apreenda ou se coloque como “eu” é um vivente animal (DERRIDA, 2006, p. 90).

A considerar a ideia de Derrida, a quem o “eu” do poema se refere? Qualquer leitor pode ler este “eu” como um referente a si mesmo? Por isso, a vida que o livro *Lar*, cria remete a uma vida poética, e a suspeita dessa autobiografia não se resolve. Vejamos: a estrutura do poema parece querer se construir sobre um paralelismo sintático, pela repetição do numeral “primeira/primeiro”. No verso inicial, o leitor pode supor que o sujeito lírico afirma ser “Bob” o “primeiro amor fora da família”. Diz-se “supor”, pois a relação entre o nome do título e as referências a ele não estão claras, embora facilmente supostas. Nos últimos três versos, o sujeito poético acentua uma relação de parentesco, portanto, “dentro” da família: “Meu meio-irmão de outra raça/ ou meu primeiro filho [...]”. Logo, há divergências quanto a esse “eu” assumido no poema, evidenciando não a exposição simples do “eu”, mas o que é inerente a ele: suas contradições.

No quarto verso, o paralelismo tem uma quebra por *enjambement*: “[...] Primeiro beijo de língua, primeiro/ amigo [...]”, em que “amigo” poderia estar posicionado no verso anterior para seguir com a construção iniciada. Esse recurso poético pode sinalizar um corte também no arquivo, na memória que não tem a seu dispor a sequência

espontânea daquilo que se viveu. Mesmo projetando um espaço para o dizer do “eu”, vê-se também na cena poética a negação do sujeito, aquilo que ele não é.

3 Considerações finais

Assim, vimos, com o discorrer deste artigo, que, em *Lar*, as referências autobiográficas traçam um limite inseparável com o texto poético. Há indícios que apontam para dados autobiográficos, mas esses indícios não se resumem na simples referência a um nome próprio, o nome de Armando Freitas Filho.

Como gênero textual predominantemente conotativo, o poema estabelece com a autobiografia um limite quase indecifrável. A linguagem poética, com seus arranjos metafóricos (e demais recursos estilísticos e figuras de linguagem), não se responsabiliza, não enseja, não promete nenhuma narração autobiográfica. Se a linguagem não tem mais a função de representar o mundo como se fosse um espelho, na poesia de Freitas Filho, ela apresenta uma conotação de “água de aço”, o “espelho inflexível, velho”. Ora, a palavra que reflete o mundo, o eu, de forma inflexível e antiquada, ou gasta, não mais pode ser um recurso para a verdade autobiográfica.

Se a confissão de Rousseau empreitava a declaração inaugural e autêntica de um homem em seu arrependimento, no livro *Lar*, Armando Freitas Filho não pretende eximir-se de nada, não quer perdão; então, a finalidade dessa autobiografia está na discussão da própria temática, na problematização do interstício entre o “eu pessoal” e o “eu lírico”. Ainda mais, se a consumação do perdão não lhe importa, o poeta simplesmente se refere a fatos e a dados autobiográficos porque assim entende a poesia: a vida e a poesia estão de tal modo ligadas que uma funde-se na outra sem preocupação de delimitação.

O nome próprio, então, não deixa de existir por entre os poemas porque é sempre negado. Seguindo a esteira de Derrida, em *Salvo o nome*, a autobiografia é negada porque as palavras, os adjetivos, as nomeações não refletem o tempo todo (no sentido de ser espelho) o nome inscrito na capa do livro; no caso específico desta análise, não assumem até o fim a vida de Armando Freitas Filho, mas, negando, mantêm-no nas entrelinhas. Mesmo que os dados possam caracterizar esse nome da capa do livro *Lar*., eles não mantêm essa intenção até o fim. A poesia, por ter caráter transgressor, figurativo, questionador e até político, não diz respeito à história de um homem, mas dos homens, de todos os homens e mulheres. Nem todas as pessoas nasceram no dia 18 de fevereiro, mas todos sentem o passar do tempo, a paradoxal passagem que, quanto mais nos conscientiza de nossa existência, tira-nos dela.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Salvo o nome*. Trad. N. Bonatti. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

_____. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DICIONÁRIO *Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/muda>>. Acesso em: 3 nov. 2018.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU/ Editora PUC-Rio, 2009.

FREITAS FILHO, Armando. *Lar*,. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. São Paulo: 7 Letras, 2012.

ROUSSEAU, J. J. *As Confissões*. Trad. Wilson Lousada. São Paulo: Martin Claret, 2011.